

O ESPAÇO TELÚRICO E AS REPRESENTAÇÕES DE PODER EM OBRAS DA LITERATURA DE “RETORNADOS”

THE TELLURIC SPACE AND REPRESENTATIONS OF POWER IN WORKS OF “RETURNED” LITERATURE

Altair Sofientini Ciecowski¹
Vera Lúcia da Rocha Maquêa²

Recebimento do Texto: 22/04/2025

Data de Aceite: 20/05/2025

Resumo: Pretende-se com esta pesquisa investigar as representações de poder com projeções em espaços telúricos tendo como escopo romances da literatura de “retornados”. O trabalho postula, coligido em territórios onde viveram aqueles que regressaram a Portugal por ocasião da independência das ex-colônias dos países africanos de língua portuguesa, a observação de Angola, Moçambique e Portugal enquanto espaços de relações de poder, envoltos em polêmicas e contradições. Lançando mão de um *corpus* de três obras das literaturas de “retornados” sendo, *Os retornados: um amor nunca se esquece* (2010), de Júlio Magalhães; *O retorno* (2013), de Dulce Maria Cardoso e *A gorda* (2018), de Isabela Figueiredo, pretende-se analisar os espaços e suas projeções no *corpus* literário, por definição, a terra, com recortes representativos e seus domínios.

Palavras-chave: Relações de poder. Retornados. Representações.

Abstract: This research aims to investigate representations of power with projections in telluric spaces, focusing on novels from the literature of “returnees.” Collected in territories where those who returned to Portugal lived upon the independence of the former colonies of Portuguese-speaking African countries, the work proposes observing Angola, Mozambique, and Portugal as spaces of power relations, shrouded in controversies and contradictions. Drawing on a corpus of three works from the literature of “returnees,” namely, *Os retornados: um amor nunca se esquece* (2010), by Júlio Magalhães; *O retorno* (2013), by Dulce Maria Cardoso; and *A gorda* (2018), by Isabela Figueiredo, the aim is to analyze these spaces and their projections in the literary corpus, by definition, the land, with representative excerpts and their domains.

Keywords: Power relations. Returnees. Representations.

1Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT- Tangará da Serra) e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT- Sinop). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Suas áreas de interesse em pesquisa são: identidade; história e ficção; nacionalismo e estudos pós-coloniais. E-mail: altair.sofientini@unemat.br

2 Diretora da Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado - UNEMAT. Possui Graduação/Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa e respectivas Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (1992), Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG (1996); Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Paraná (1999) e Doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2007). E-mail: maqueav@unemat.br

Introdução

A mãe continua a ter duas terras, a metrópole onde nasceu
e onde está protegida de tudo, até das crises, e a terra
abençoada à qual o corpo nunca se habituou [...].
(Dulce Maria Cardoso, O retorno, p. 95).
Então podereis voltar para a terra que vos pertence e
tomareis posse dela [...]
(Bíblia de Jerusalém, Josué, 1:15).
Milkau, como se despertasse, respirou sôfrego, o corpo se
lhe agitou e estremeceu nessa ânsia de quem penetra na
terra desejada
(Graça Aranha, Canaã, p. 19).

A ganhadora do “Nobel” de Geografia (Prêmio Vautrin Lud) de 1998, Doreen Massey na obra *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade* (2008) afirma que “o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes”. A mesma autora, na última parte do primeiro capítulo deste mesmo livro, estabelece uma dicotomia ao trazer a multiplicidade da terminologia “lugar”, que pode ser o cotidiano, e o espaço; que por sua vez, é traduzido em um sentido amplo, global. Segundo a análise que propomos, conjecturamos tratar como “a terra”.

Com esse raciocínio, pensando nos espaços/lugares como unidades de investigação, almejamos buscar na matéria ficcional de nosso *corpus* literário, com arco teórico apropriado, recortes de elementos telúricos que envolvem o país europeu de forma geral e, de forma específica, Angola e Moçambique. O campo sobre o qual nos debruçaremos, como se depreende, será Geografia e Literatura. As obras de nossa análise se enquadram no que é considerado um “subgênero” do novo romance português, a chamada literatura de “retornados”, conforme Khan (2010), ou, como nomeado por Gould (2007), literatura de “revisitação africana”, que se propõe a “examinar a identidade do Portugal colonial e pós-imperial” (GOULD, 2007, p. 65).

Achamos oportuno, primeiramente, trazer algumas informações, embora sintéticas, acerca das obras de nosso corpus, a saber:

a) **Os retornados – um amor nunca se esquece**, de Júlio Magalhães (2010).

Trata-se do romance de estreia do autor português Júlio Magalhães e, embora o livro tenha um cunho ficcional, o autor valeu-se, seguramente, de sua experiência como “retornado”, afinal, ele foi um dos que tiveram de regressar a Portugal por ocasião da descolonização de Angola. No romance, um narrador onisciente apresenta, no enredo de uma história de amor, a personagem protagonista Joana com os relatos dos momentos finais da conturbada presença dos portugueses em Angola.

b) **O retorno**, de Dulce Maria Cardoso (2013). O romance narra a história de Rui, um adolescente, e sua família, após a queda do regime colonial português em Angola e a consequente descolonização em 1975. A trama se desenvolve em torno da experiência de retornar a Portugal tendo que abandonar abruptamente a vida que tinham construído em África. A história de Rui e dos outros “retornados” é, de certa forma, um microcosmo das turbulências políticas e sociais da época, levando o leitor a ponderar sobre a natureza do lar e das raízes.

c) **A gorda**, de Isabela Figueiredo (2018). A obra traz, num primeiro plano, uma abordagem potente acerca da personagem protagonista Maria Luísa e sua luta com a opressiva construção social do corpo feminino e o julgamento implacável de uma sociedade obcecada por padrões irreais de beleza. Num segundo plano do enredo, todavia, temos as relações estabelecidas entre Maria Luísa e seus pais, envoltos no contexto da descolonização. A obra apresenta muitos elementos sobre a realidade da família da narradora e que estão diretamente relacionados com o tema do regresso, desde a partida para Moçambique até o retorno da família, com todas as dificuldades enfrentadas.

Dito isso, e feitas as considerações acerca do corpus de nossa pesquisa, passemos às análises e aos contornos discursivos da investigação.

O espaço telúrico e as representações de poder

Inicialmente, devemos mencionar que as epígrafes escolhidas para esta pesquisa têm um duplo objetivo: por um lado, asseverar esse enfoque de “terra escolhida” observado tanto no âmbito da matéria ficcional, nas obras que selecionamos, como na prática estabelecida nas relações com a África por ocasião da colonização; por outro lado, trazer o quanto essa terra foi objeto de violência

social e política pelo projeto imperialista português. Parece-nos que o “tomar posse dela” (da terra) nunca fez tanto sentido do que quando tentamos alargar a perspectiva de nossa pesquisa tendo como escopo os estudos coloniais.

“Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira”. Esse foi o recado do líder indígena Davi Kopenawa aos brancos em entrevista a F. Watson na obra *A queda do céu: palavras de um Xamã Yanomami* (2010). Não queremos neste trabalho, por certo, entrar em teorias do sagrado, animistas e/ou míticas, todavia, interessa-nos neste momento, considerar o emprego metafórico dessa terra que, “como tem coração e respira”, sente e é capaz de registrar acontecimentos.

Sob esta ótica, seguramente podemos afirmar que a terra de Angola e Moçambique tem dolorosos registros de um passado colonialista. Foi para refletir acerca das “estruturas” que levaram a registros tão cruéis em África no período colonial e também para pensar sobre as ações a serem tomadas após a independência, que o líder Samora Machel, carinhosamente chamado de “O pai da Nação” moçambicana, em discurso ao “povo” faz uma instigante analogia:

Uma terra sem estrume dá plantas débeis, mas o estrume sem terra queima a semente e também nada se produz. A nossa inteligência, os nossos pensamentos são como o estrume, é necessário misturar o estrume com a terra, a inteligência com a prática (MACHEL, 1978, p. 22).

Visto sobre um prisma metafórico, o segredo, portanto, de acordo com Machel, estaria na mistura correta de terra e esterco/estrume/adubo (designações amplas para formas de fertilizantes para a terra). Para nós, a dose correta, primeiramente, será entender a terra. Pensá-la, numa perspectiva histórica colonial, como espaço de dominação e exploração. Como afirma Fanon (1968) “para o colonizado, o valor mais essencial, porque mais concreto, é primeiro a terra: a terra que deve garantir o pão e, é claro, a dignidade”. Em contrapartida, num segundo momento, já num contexto pós-independência, trazer à luz o “adubo”, ou seja, as condições e mobilizações necessárias para avançar na construção desse “novo” território, ora, gradear a terra faz-se necessário. Com efeito, Eliana Lourenço de Lima Reis (2010) lembra-nos de que:

A realidade africana, após a independência de suas colônias, fez com que os africanos buscassem uma forma de se desprenderem das metrópoles imperiais. Assim, uniram-se e construíram uma nova territorialidade [...] (REIS, 2010, p. 80).

Finalmente, embora não sejamos especialistas no cultivo do solo, sabemos que a “grade aradora” realiza a inversão da camada do solo, o revolvimento propriamente dito da terra.

A história de Angola e Moçambique (talvez de toda a humanidade) está intrinsecamente ligada à terra, na realidade, como assegura Said em *Cultura e Imperialismo* (2020) “Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios [...]”. São com esses dois olhares acerca da possibilidade de leitura da terra, que seguimos com esta seção.

No conceito abordado aqui de espaço/terra/lugar (sem trazer novas divagações semânticas para as terminologias, embora saibamos que existam), é sempre importante considerar as relações de poder que envolvem essa espacialidade (ALBURQUERQUE JR., 2011), até porque falamos de espaços assinalados por um violento processo de desterritorialização e re-territorialização, marcado pela perda individual (CALAFATE RIBEIRO, 2004).

Para esse efeito, trazemos Domingos e Peralta (2023) que asseveram que a experiência imperial trouxe uma configuração imagética diferenciada para as cidades imperiais, afirmam ainda que foi no plano dos símbolos e da imagética discursiva que o império se deu a conhecer (2023). Por conseguinte, reafirmando estes conceitos múltiplos de lugar, consoante Massey (2005), observamos que as marcas do império na geografia de Angola e Moçambique foram evidentes. Desde o nome de cidades como Lourenço Marques (atual Maputo - Moçambique) que homenageou ao explorador português do século XVI; à nomenclatura da antiga região de *Lobango*, que passou a chamar-se Sá da Bandeira, em homenagem ao Militar e político, Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo.

De igual maneira, os textos literários que analisamos em nossa pesquisa

são fartos em trazer referências acerca dessas marcas imperiais em África. À guisa de exemplo, citamos o local, em Angola, onde estudou a personagem Ana Maria, do romance de Júlio Magalhães: “Liceu Diogo Cão” (MAGALHÃES, 2010, p. 18). O nome da escola é uma alusão a um navegador português do século XV de mesmo nome.

A mãe desta personagem, por sua vez, era professora na “escola primária nº 60 Luís de Camões” (Ibidem, 2010, p. 18), como sabemos, homenageando o autor de *Os Lusíadas*. Quando lemos, todavia, a Obra prima do autor português, no *Canto X, estrofe 92*, causa-nos perplexidade: “*Vês África, dos bens do mundo avara, inculta e toda cheia de bruteza*”. Seria a terra “cheia de bruteza” que, de forma consensual, pactuou homenagens ao colonizador “culto”? Parece-nos, isso sim, conforme Bourdieu (1989), estarmos diante de “instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação”.

Analogamente, trazemos uma reflexão que o pesquisador Almeida (2022) fez em artigo específico que tinha como objetivo investigar “como o poder consegue, dada uma convergência de fatores favoráveis, controlar a mentalidade coletiva de uma comunidade imprimindo nela uma visão dominante usando o sistema educativo [...]”. Para a análise, o autor lançou mão de um livro adotado em Portugal, durante o regime Salazarista, trata-se do *Livro da terceira classe* (Ministério da Educação Nacional, 1958), usado por crianças que já sabiam ler. “Era o livro único, aprovado oficialmente, usado em todo o Portugal, nas ilhas e nas colónias” (ALMEIDA, 2022, p. 141).

O autor sugere, na análise do livro didático, que é fácil detectar “intenções sub-reptícias, seja ao nível do consciente, seja do inconsciente”. A ideia, portanto, seria preparar o estudante para aceitar os valores e as ideologias de um determinado grupo ou classe. Nossa hipótese, longe de entrar em celeumas acerca de material didático, é de que a gravura do livro supracitado (conforme figura abaixo), deixa explícito a dimensão que Almeida traz à luz. No centro da gravura, o escudo de Portugal simboliza a Pátria. Acima estão os heróis, abaixo, gente comum. Acima, “como que tendo atingido o céu pelos serviços prestados ao país” (ALMEIDA, 2022, p. 140) estão, entre outros, Afonso Henriques, Vasco da Gama e Camões.

Há uma “identificação que engloba e exclui [...]” (CABAÇO, 2009, p. 19). Engloba a língua portuguesa, a cultura europeia; exclui a terra africana. Eis, portanto, a nosso ver, conforme Memmi (1985) o “Retrato mítico do colonizado e do colonizador”: este, culto; aquele, selvagem. Sobre essa “essência” dualista da sociedade colonial, falaremos mais adiante.

Quanto aos versos de Camões, a leitura deve ser feita dentro de um determinado enquadramento histórico. Sanches (2013) chama de “geografias sobrepostas” essa possibilidade de fazer leituras de “histórias entrelaçadas” do presente considerando, para esse efeito, não tão somente “o passado colonial, mas também ainda a nossa contemporaneidade pós-colonial”. Nesse mesmo horizonte, Massey (2005) afirma que o espaço não é algo estático e neutro, uma entidade gélida e imóvel.

Revista Athena, vol. 30, nº 03 (2025), Cáceres – MT

Seguindo com nossa análise, em *O retorno*, por vezes, a mãe do narrador Rui refere-se a Angola como uma “terra abençoada” (2013, p. 96), faz-nos pensar no lugar prometido da narrativa bíblica onde, de acordo com a promessa de Deus, teríamos uma terra fértil e próspera. Uma terra prometida a Abraão, consoante Gênesis, 17, 8.

Angola era o “sonho dourado” (MAGALHÃES, 2010, p. 15); Em Moçambique, por sua vez, “tudo crescia viçoso e saboroso” (FIGUEIREDO, 2018, p. 55). No texto sagrado para os cristãos, Moisés, e posteriormente Josué, lideram o povo rumo à conquista de *Canaã*. (Josué, cap. 1). Lugar bom. A terra que “mana leite e mel” (Êxodo 33, 3). A “terra prometida” africana, em contrapartida, mana “ouro, diamantes, algodão, petróleo, café, um solo rico e uma costa a perder de vista” (MAGALHÃES, 2010, p. 102). No romance, as personagens têm fazendas de “vários hectares” (MAGALHÃES, 2010, p. 18). Lugar bom.

Enquanto fazíamos nossas digressões e consultas ao texto literário sobre essa suposta “terra paradisíaca”. Ocorreu-nos lembrar de outra obra marcante: *Canaã* (1902), de Graça Aranha. Uma obra de transição em nossa literatura, das letras do fim do século, a um suposto projeto inovador. Uma verdadeira “obra de ficção sociológica”, conforme assevera Antonio Arnoni Prado, prefaciando uma edição da obra de 2018.

No livro de Graça Aranha temos como enredo a colonização alemã na região de Cachoeiro do Espírito Santo, a forte oposição ideológica entre os imigrantes alemães Milkau e Lentz, e a relação destes com os nativos da “nova terra”. Guardadas as devidas proporções, e ainda que pudéssemos nos atentar com mais propriedade nas ideias de Milkau, (a vitória de um grupo dominador sobre um mestiço fraco e indolente) fazendo uma analogia com o que houve em África consoante a presença do elemento europeu, interessa-nos aqui, tão somente alçar à baila a nossa concepção da ideia de uma nova terra. “A terra prometida”. Afinal, esta também foi a concepção asseverada por D. Glória, personagem de *O retorno*, quando, já no hotel de Portugal, refere-se à “terra tão farta onde nunca poderá haver fome” (CARDOSO, 2013, p. 96). Havia um fascínio, deveras, por essa terra pródiga.

“Essa terra dava para todos”, afirmava desolado a personagem Coimbra (MAGALHÃES, 2010, p. 129), já no avião da grande “ponte aérea” de retorno a

Portugal. Joana, a aeromoça solidária e sensível tentava “colocar-se na pele daquele homem que se sentia triste e revoltado” (Ibidem, p. 129). De “sua” generosa terra que manava “leite e mel”, digo, ouro, café e diamantes e onde “toda a gente vivia bem” (Ibidem, p.129), só lhe restava agora despedir-se pela janela da aeronave.

Nesse mesmo sentido, o médico Carlos Jorge, personagem do romance de Júlio Magalhães refere ter “sempre levado uma vida simples, mas facilitada [...]” (MAGALHÃES, 2010, p. 96). Na mesma terra, agora, porém, no romance de Dulce Maria Cardoso, observamos que a vida dos nativos não era tão facilitada... para além dos duros trabalhos, ainda lidavam com o preconceito. O personagem Manuel, por exemplo, sentia-se incomodado com a presença dos nativos. De forma preconceituosa, menciona sentir-se enojado com “a catinga da pretalhada” (CARDOSO, 2013, p. 37).

A violência colonial, assim, de acordo com Fanon (1968) “não tem somente o objetivo de garantir o respeito dos homens subjugados; procura desumanizá-los”. Nesse sentido, trazemos o excerto em que o narrador Rui, na obra de Dulce Maria Cardoso, explicita as relações de subjugação a que se viam submetidos os povos autóctones.

Disse o pai quando Malaquias a levou [a Dodge], de qualquer maneira o Malaquias estava contente, era dono de qualquer coisa, o problema é que eles não têm cabeça, eles são os pretos, os que conhecemos e os que não conhecemos. Os pretos. A não ser que se queira explicar o que são, aí o preto, o preto é preguiçoso, gostam de estar ao sol como os lagartos, o preto é arrogante, se caminham de cabeça baixa é só para não olharem para nós, o preto é burro, não entendem o que se lhe diz, o preto é abusador, se lhes damos a mão querem logo o braço, o preto é ingrato, por muito que lhes façamos nunca estão contentes, podia-se estar horar a falar do preto mas os brancos não gostavam de perder tempo com isso, bastava dizer, é preto e já se sabe do que a casa gasta (CARDOSO, 2013, p. 25).

Por outro lado, em seus devaneios, o pai do narrador Rui, em *O retorno*, parece acreditar na ideia de construir uma nação com unidade pluricontinental. E traz, mais uma vez, o conceito de “terra abençoada onde tudo o que semeia nasce” (CARDOSO, 2013, p. 33-34) e ainda conclui: “não há no mundo outra terra assim”

(Ibidem, p. 33-34). O menino Rui parece não ter a mesma convicção do pai. “O pai não conhece nada do mundo e não pode saber se há ou não outra terra como esta, como também não podia saber o que se iria passar (CARDOSO, 2013, p. 33-34).

A mãe de Rui, mencionada na epígrafe, é personagem fulcral deste cenário para problematizarmos a questão da terra. D. Glória, que tinha imensas dificuldades de adaptação na terra africana, profetiza, em dado momento, o que seria a solução para a “integração” que supostamente alguns colonizadores, como seu esposo, menciona buscar. De acordo com D. Glória, “esta terra não nos pertence enquanto não lhe conhecermos o coração, enquanto não lhe conhecermos o coração esta terra não guardará as nossas marcas nem reconhecerá os nossos passos” (CARDOSO, 2023, p. 151).

Nessa perspectiva, portanto, era preciso “conhecer o coração” de África. A forma como encontraram para “deixar suas marcas”, todavia, nestas “cidades do colonizador”, como afirma Isabel Castro Henriques e Miguel Pais Vieira Branca (2013, p. 14) foi impor “novos modelos de organização do espaço urbano [...]”. Essas alterações do espaço, somado ao forte preconceito conduziram, inevitavelmente, para evidentes, e “significativas alterações nos relacionamentos tradicionais entre populações”.

Ademais, os espaços eram alimentados pelo que Cabaço (2009) menciona como “essência dualista da sociedade colonial” onde, de um lado havia uma cultura branca superior e organizada e, de outro lado, selvagens. Podemos vislumbrar de forma bem contundente essa concepção ao observar, por exemplo, o que afirma a mãe de Maria Luísa, referindo-se à capital de Moçambique: “Lourenço Marques branca era ordenada e limpa, tropical, é certo, mas domesticada” (FIGUEIREDO, 2018, p. 55). Pensamento que corrobora também com o que Jean-Paul Sartre escreve no prefácio da obra *Os condenados da Terra*, de Fanon (1968), de que a Europa “multiplicou as divisões, as oposições, forjou classes e por vezes, racismos [...]”.

Convém dialogarmos aqui também com Mignolo (2003), afinal foi ele que afirmou que por vezes as teorias podem viajar. Quando viajam, a diferença colonial as tornam invisíveis para as teorias dominantes e universais que têm inclusive, passaportes para atravessar a diferença colonial. Assim, já na Metrópole, por vezes humilhados devido à condição de “retornados”, os familiares de Rui ouvem que o país europeu é civilizado, “não é a selva com leões, tem regras” (CARDOSO, 2013, p. 139).

A família percebe então, que o sentimento preconceituoso em relação

à terra africana não é somente daqueles colonizadores que estiveram em África, ultrapassa, seguramente, essas fronteiras. Viaja, como afirma Mignolo.

A teoria da “essência dualista” viajou, portanto, e trouxe junto as anotações preconceituosas que o colonialismo fez questão de carimbar em cada página do passaporte que acompanhou os quase cinco séculos de opressão colonialista. As fronteiras, portanto, como afirma Hanciau (2005), muitas vezes “são porosas, permeáveis, flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas”. A mesma autora (2005) fala ainda de um local criado pelo “descentramento, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade [...]”. São conceitos fecundos para pensarmos tanto sobre essa terra africana que teve de lidar com o contexto pós-colonial e, depois de quase cinco séculos de presença portuguesa em África, voltar a pensar na terra “livre”, quanto sobre aqueles colonos que precisaram regressar à metrópole (alguns sem nunca terem lá pisado) e recomeçar em local que agora é difuso, fragmentado para eles.

Em Portugal, o pai de Maria Luísa vivia a sonhar com “Lourenço Marques”. (FIGUEIREDO, 2018, p. 135). A narradora do romance de Isabela Figueiredo sabe que seu pai “não deixará de sonhar com Moçambique enquanto for vivo” (Ibidem, p. 135). Não obstante, embora claramente vivendo em uma realidade híbrida e numa condição de fronteira, a personagem, bem como tantos outros que precisaram regressar após a descolonização, parecem ter consciência de que “a galinha dos ovos de ouro acabou” (Ibidem, p. 255). Neste mesmo país europeu, na estante de muitos que regressaram, podemos encontrar significativos elementos simbólicos de madeira: elefantes, girafas, zebras...são elementos que trazem para a ex-metrópole “os despojos da África perdida” (FIGUEIREDO, 2018, p. 67). É o “esplendor da fauna na savana” (Ibidem, p. 67) ao alcance das mãos.

“Ir ao coração desta terra” (CARDOSO, 2013, p. 151) e chegar aos recônditos, “à sombra escura” (Ibidem, p. 151) telúrica. Era o que propunha a mãe do narrador Rui. Aqueles que regressaram, todavia, precisaram conviver tão somente com símbolos e memórias: conforme Witcomb (2015) “a África na nossa sala de jantar” .

No romance *Os retornados: um amor nunca se esquece*, podemos observar que os “retornados” que estiveram no voo 223 (A ponte aérea de Luanda a Lisboa - 1975), vinte anos depois, resolvem fazer um almoço de confraternização

(MAGALHÃES, 2010, p. 196). O prato é sugestivo: *Moamba*, “para recordarem os tempos de África” (Ibidem, p. 217).⁴ Ao fim e ao cabo, é somente recordação mesmo, afinal, para aqueles que regressaram, “a Angola próspera vive apenas no baú de memórias” (MAGALHÃES, 2010, p. 220).

“Então podereis voltar para a terra que vos pertence e tomareis posse dela [...]”
(Bíblia de Jerusalém, Josué, 1:15).

Considerações finais

O presente estudo, ao explorar o espaço telúrico e as representações de poder na literatura de “retornados”, revelou a complexidade das relações entre Portugal e suas antigas colônias africanas, Angola e Moçambique, no período pós-descolonização. As obras analisadas – *Os retornados – um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães; *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso; e *A gorda*, de Isabela Figueiredo – oferecem um olhar multifacetado sobre a experiência de regresso e a reconfiguração identitária dos indivíduos afetados por esse processo.

Observamos que a “terra” assume um papel central, não apenas como um local físico, mas como um constructo carregado de significados culturais, históricos e políticos. As epígrafes, ao evocar a ideia de uma “terra escolhida”, contrastam drasticamente com a realidade da violência e exploração colonial que moldou as paisagens e as vidas africanas. A metáfora da terra que “tem coração e respira”, de Davi Kopenawa, e a analogia de Samora Machel sobre a “mistura correta de terra e estrume”, sublinham a necessidade de entender a terra africana em sua profundidade e de construir um futuro desprendido das amarras coloniais.

As marcas do império na geografia e nos discursos coloniais são evidenciadas pelas homenagens a figuras portuguesas em nomes de cidades e instituições, que serviam como instrumentos de imposição e legitimação da dominação. A análise do livro didático salazarista reforça como a ideologia colonialista buscava controlar a mentalidade coletiva, perpetuando uma “essência dualista” que inferiorizava o colonizado.

⁴*Moamba* de galinha é um prato típico e muito consumido em Angola. A palavra chave desta gastronomia é a simplicidade, com ingredientes que vêm diretamente da terra, mais especificamente da horta de casa. Disponível em <https://www.jcholambra.com/post/viajando-nas-ra%C3%ADzes-culin%C3%A1rias-moamba-de-galinha-de-angola>. Acesso em: 26 mar. 2024.

A idealização da África como uma “terra prometida” para os colonizadores contrastava drasticamente com a realidade de preconceito e desumanização sofrida pelos povos nativos. O retorno à metrópole não significou um fim para as complexidades identitárias. A teoria de Mignolo sobre a viagem das teorias e o conceito de fronteiras porosas, de Hanciau, explicam como o preconceito em relação à África persistia em Portugal, e como os “retornados” se viram em uma condição de “descentramento”, com suas memórias e símbolos africanos agora transformados em “despojos da África perdida” na “sala de jantar” da ex-metrópole.

Por fim, há que se destacar que a aproximação entre literatura e geografia enriqueceu sobremaneira nossa compreensão das relações existentes nesse espaço. A literatura de “retornados”, no contexto analisado, não se torna apenas um registro de um período histórico, mas um espaço de reflexão sobre as cicatrizes deixadas pelo colonialismo, as lutas por uma nova territorialidade e a construção de identidades híbridas em um mundo pós-colonial. Essas obras nos convidam a revisitar o passado para compreender as complexidades do presente.

Referências

ALBURQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio. A ideologia do salazarismo veiculada num livro escolar: breve estudo de caso. *In*: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; MORENO, Helena Wakim; GALVANESE, Marina Simões. **Portugal e os 60 anos da Guerra em África**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: Identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Jandira: Principis, 2020.

CARDOSO, Dulce Maria. **O Retorno**. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2013.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras

Contemporâneas, 2010.

DOMINGOS, Nuno; PERALTA, Elsa. **Cidade e Império**: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2013.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S. A, 1968.

FIGUEIREDO, Isabela. **A gorda**. São Paulo: Todavia, 2018.

GOULD, Isabel Ferreira. Mulheres coloniais no novo romance português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 65-74, junho, 2007.

HANCIAU, Núbia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

KHAN, Sheila In: RIBEIRO, Raquel. Os retornados estão a abrir o baú. In: **Ípsilon online**. 2010. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2010/08/12/culturaipsilon/noticia/os-retornados-estao-a-abrir-o-bau-263209>>. Acesso em: 31 agos. 2021.

KOPENAWA; Davi; Albert, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MACHEL, Samora M. **Produzir é aprender**: Aprender para produzir e lutar melhor. Maputo: Departamento do trabalho ideológico (Frelimo), 1978.

MAGALHÃES, Júlio. **Os retornados**: um amor nunca se esquece. Lisboa: A esfera dos Livros, 2010.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2021.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar. São Paulo: Editora UFMG, 2003.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural**. A literatura de Wole Soyinka. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos**: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

SANCHES, Manuela Ribeiro. **Lisboa, capital do império. Trânsitos, afiliações, transnacionalismos**. *In*: DOMINGOS, Nuno; PERALTA, Elsa. **Cidade e Império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais**. Lisboa: Edições 70, 2013.